

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)



ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço,
imaginação e memória visual

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Gabriel Motomu Teshima
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-690-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.901212311>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Projetos. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Quais as possibilidades e limites da relação homem-meio? Para indicarmos as respostas a essa inquietante questão é possível seguir por dois caminhos. De um lado, temos a potência da **produção** do espaço, da interferência direta no meio, da modificação do concreto, da construção material da história. De outro, temos a **percepção** do produzido e dos processos de modificação, da ativação do sensível e da apropriação do meio, da construção de sentidos e significados da vida espacializada.

Ambas, produção e percepção, são atravessadas pela imaginabilidade, pela construção de memórias coletivas e individuais dos espaços de vida que têm como cenário, palco e produto a arquitetura e a cidade. Ambas carregam o ensejo da expectativa, da esperança, da contradição, da luta cotidiana, do trabalho humano, do pertencimento, do medo e até mesmo da negação. Assim, ambas, em sua latente ambiguidade, são potências da vida humana. Guardam as possibilidades daquelas experiências recorrentes, cotidianas e programáveis às experiências inovadoras, inéditas e espontâneas.

Este livro da Atena Editora, intitulado “Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual” tensiona essas duas possibilidades.

Em seu conjunto de textos há uma diversidade que certamente interessará a leitoras e leitores. Ilustra, numa visão não estanque, mas imbricada e dinâmica, o tensionamento entre a produção e a percepção. Assim, a interação entre estes dois campos humanos proposta neste livro vai da ideação e revisão crítica de uma experiência de jurisdição e gestão patrimonial em Minas Gerais às respostas arquitetônicas como a expressiva experiência plástico-formal recente na obra de Santiago Calatrava.

Entre estes dois pontos há um percurso interessante a ser feito: técnicas retrospectivas e métodos de recuperação de artefatos históricos; apontamentos diversificados sobre a arquitetura religiosa e relação com a sociedade; notas, relatos e análises da forma urbana, da morfologia urbana e da história urbana em cidades brasileiras, portuguesas, peruanas, mexicanas e chilenas; e, por fim, reflexões sobre a cidade contemporânea, sobre o patrimônio modernista e sobre a legislação urbanística e zoneamento.

Nestes casos aqui expostos produção e percepção se chocam, se unificam, se diferenciam, se contrapõem e se complementam. Esta diversidade é certamente a beleza de sua composição e início de um caminho para diálogos, problematizações e o levantamento de novas possibilidades da experiência única de, ao mesmo tempo, construir e habitar o mundo.

É ainda digno de nota que este percurso não é linear, mas ziguezagueia. Vai do micro ao macro e retorna ao micro. Expõe tensões, concordâncias e fraturas.

Assim, estimo, a leitoras e leitores, uma excelente experiência!


Pedro Henrique Máximo Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ICMS DE PATRIMÔNIO CULTURAL CONCEITOS, GESTÃO E EFICÁCIA DO MECANISMO
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRABALHO: OS OFÍCIOS TRADICIONAIS

Simone de Almeida Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123111>

CAPÍTULO 2..... 11

O PÓ CERÂMICO COMO ADITIVO ALTERNATIVO NO RESTAURO DE ARGAMASSAS
HISTÓRICAS: O CASO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DE SÃO
CRISTÓVÃO SE/BR


Eder D. Silva

Guilherme B. Almeida

Breno A. Franco

Arthur S. Santos


Carla A. Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123112>

CAPÍTULO 3..... 26

LA ARQUITECTURA RELIGIOSA DE TEPIC, NAYARIT. CASO DE ESTUDIO: EL
SANTUARIO DE GUDALUPE

María Elizabeth Loera Beltrán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123113>

CAPÍTULO 4..... 36

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRABALHO: OS OFÍCIOS TRADICIONAIS IDENTIFICAÇÃO
E MAPEAMENTO DAS CORES DO FORRO DA SACRISTIA DO CARMO PEQUENO DE
SÃO CRISTÓVÃO SE/BR


Eder D. Silva

Adriana D. Nogueira

Karoline P. Paulo

Ellen D. A. Paiva

Paulo M. M. Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123114>

CAPÍTULO 5..... 53

O ESTUDO DE ELEMENTOS DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO AO ALCANCE DA
SOCIEDADE: A RELAÇÃO DAS OBRAS RELIGIOSAS ENTRE PORTUGAL E BRASIL, A
INFLUÊNCIA PORTUGUESA

Eleusy Natália Miguel

Alex Fernandes Bohrer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123115>

CAPÍTULO 6..... 64


RISCOS DE TIPIFICAÇÃO FUNCIONAL EM PATRIMÔNIO MONÁSTICO-CONVENTUAL

DEVOLUTO [ÉVORA, PORTUGAL]

Maria do Céu Simões Tereno

Maria Filomena Mourato Monteiro

António Vitorino Simões Tereno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123116>

CAPÍTULO 7..... 84

A CIDADE NA CIVILIZAÇÃO INCA – CONQUISTAS E PADRÕES


Caroline Silva de Albergaria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123117>

CAPÍTULO 8..... 101

DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL E LEGISLAÇÃO URBANA: ZEIS 3 COMO PERSPECTIVA PARA A ISONOMIA SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

Sumaya Hamad Chaouk


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123118>

CAPÍTULO 9..... 114

FORMAS URBANAS EM DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

Ricardo Batista Bitencourt


Ramon Fortunato Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123119>

CAPÍTULO 10..... 132

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA URBANA POTIGUAR: EPÍTOME SOBRE NATAL E PARNAMIRIM

Lenita Maria dos Santos Fernandes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231110>

CAPÍTULO 11..... 141

AVENIDA FREI SERAFIM (TERESINA-PI): LEITURAS POSSÍVEIS DO SEU DESENHO URBANO

Renata Beatriz Alves de Melo

Pamela Krishna Ribeiro Franco Freire

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231111>


CAPÍTULO 12..... 151

JARDINS DE CHUVA. ESTRATÉGIAS DE BENEFÍCIOS AMBIENTAIS, ECOLÓGICOS E PAISAGÍSTICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Jane Cecilia Santucci

Samanta Machado de Amorim.

Larissa Santos de Paula


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231112>

CAPÍTULO 13..... 157

TALLER DE DISEÑO URBANO EN UNA POBLACIÓN VULNERABLE DE SANTIAGO

DE CHILE


María Isabel Matas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231113>

CAPÍTULO 14..... 167

PARQUE GUINLE E LOUVEIRA: DUAS VARIAÇÕES DO BLOCO SOBRE PILOTIS

Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231114>

CAPÍTULO 15..... 181

ESPACIALIDADE E ESTRUTURA, A CONFORMIDADE DE AMBOS NOS PROJETOS DE SANTIAGO CALATRAVA

João Gabriel Voss Quattrucci

Valéria Cassia dos Santos Fialho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231115>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 190

ÍNDICE REMISSIVO..... 191

CAPÍTULO 13

TALLER DE DISEÑO URBANO EN UNA POBLACIÓN VULNERABLE DE SANTIAGO DE CHILE

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 20/09/2021

María Isabel Matas

Escuela de Arquitectura, Facultad de
Humanidades, Universidad Mayor
Chile
ORCID 0000-0002-5000-8225

RESUMEN: El tema se circunscribe en la enseñanza del diseño urbano -desde un taller de arquitectura- en un contexto de vulnerabilidad social y segregación urbana en la población Parinacota en Santiago de Chile, y en convenio con la ONG TECHO como organismo concededor de la problemática.

Entre los objetivos del taller resalta, el desarrollar conciencia social desde donde interesa hacer reflexionar a los estudiantes en uno de los desafíos que les tocará enfrentar en su desarrollo profesional. La pregunta es: ¿cómo desde la docencia se traspasa la responsabilidad que significa, o que puede significar, la visión urbana y social de la arquitectura para la construcción de las ciudades? Es a partir del aprendizaje empírico donde se generan hipótesis que permiten crear nuevo conocimiento en un ambiente universitario. En una primera parte el proceso es abordado desde el usuario, el programa y la estrategia morfológica y, en una segunda parte, se relaciona con una estrategia de proyecto de arquitectura que impacte el entorno urbano y responda a la ciudadanía de forma acertada. Entre los

resultados del taller se encuentra la posibilidad de reflexionar, a partir de una pregunta correcta y de las soluciones propuestas, que carecen de prejuicios formales y son producto de la síntesis y la creatividad propia de la disciplina. Son proyectos que se definen a partir de las historias contadas por la comunidad y, por lo mismo resuelven requerimientos inherentes a la cultura y contexto del lugar.

Entre las conclusiones se destaca la experiencia de trabajar con otros, y la posibilidad de integrar a otras disciplinas a partir del convenio. Esta experiencia ha dejado resultados formales como un documento editado en conjunto, y resultados vinculantes como la realización de prácticas por parte de varios estudiantes después de realizado el taller.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza urbanismo, taller diseño urbano

URBAN DESIGN WORKSHOP IN A VULNERABLE PLACE IN SANTIAGO DE CHILE

ABSTRACT: The theme is focused on teaching urban design -from an architecture design studio- in a context of social vulnerability and urban segregation in the neighbourhood “Parinacota de Quilicura” in Santiago, and in agreement with the NGO TECHO as an organization conscious of the problems of the community. It is highlighted, among the objectives of the studio, the development of social awareness as a topic from which we want students to reflect regarding one of the challenges they will face in their professional development. The question is: How

can we transfer through our teaching the responsibility that means, or could mean, the urban and social vision of architecture for the construction of cities? It is from an empirical learning where hypotheses are generated that create new knowledge in a university environment. The first part of the process is addressed from the user, the program and the morphological strategy and, the second part is related to an architectural project strategy that impacts the urban environment and responds to the citizenship in a clear and accurate manner. Among the results of the studio is the possibility of reflecting, from the proposed solutions, the way they arise from the premise of a correct question, lack of formal prejudices and are the product of the synthesis and creativity of the discipline. These are projects that are defined based on the stories told by the community and, therefore, resolve requirements inherent to the culture and context of the place.

Among the conclusions the experience of working in collaboration with TECHO is highlighted, and the possibility of integrating other disciplines as result of the agreement. This experience has left formal results such as a document edited together, and binding results such as the implementation of internships by several students after the studio finished.

KEYWORDS: Teaching urbanism, urban design workshop.

1 | INTRODUCCIÓN.

En los últimos se ha visto la aparición de movimientos sociales que manifiestan públicamente sus intereses y sus demandas. Este fenómeno da cuenta, por una parte, de nuevas formas de organización social (Alba, 2016) y, por otra, de la necesidad de abordar nuevos desafíos como país. Estos nuevos desafíos han de enfrentarse con la seriedad que amerita el hecho de que son seres humanos, familias, niños, adultos mayores, quienes están tras ellos, son sus vidas y sus anhelos los que se manifiestan. En muchos casos son largos años de espera silenciosa; en otros es el surgimiento de una conciencia colectiva de que hay derechos fundamentales que les han sido negados.

La magnitud del desafío es tal y los fenómenos son tan complejos, que requieren de la creatividad y capacidad de profesionales y académicos competentes. Pero la competencia no es suficiente, requerimos como país un cuerpo universitario consciente, que se haga sensible a la realidad de nuestros compatriotas más vulnerables. El presente artículo es sobre el trabajo realizado en el Taller de Diseño Urbano de la Escuela de Arquitectura de la Universidad Mayor de Santiago de Chile, bajo la dirección de la profesora María Isabel Matas. El artículo muestra el fruto de ese encuentro, son el resultado del trabajo de alumnos de arquitectura, quienes durante 2013 hicieron propuestas de arquitectura y diseño urbano en las poblaciones Parinacota I y II de Quilicura, graficada en la imagen 1 y 2. Se trata de información valiosa para proyectar el desarrollo del hábitat en ambas poblaciones y, con ello, mejorar la condición de esas familias y las oportunidades futuras que puedan tener.



Imagen 1 y 2. Fotografías de la autora del sector a trabajar.

El resultado es orientador, incluir dentro de la formación de futuros arquitectos el planteamiento y desarrollo de proyectos con carácter social, es de sentido común, sin embargo cuando esto pasa de un planteamiento teórico entre los estudiantes y sus profesores, a un modelo sinérgico apoyado por instituciones que son referencia en este tema como lo es TECHO, el planteamiento teórico inicial se nutre de la experiencia con que se ha enfrentado el problema, las reales consideraciones que han logrado materializar proyectos, considerando las múltiples variables que pueden llegar a incidir. El paradigma de que el problema social solo se resuelve por medio de la vivienda hoy queda en evidencia que no funciona. La mirada de ciudad, la inclusión de comunidades y barrios, el correcto desarrollo de espacios públicos, equipamientos y otros son las claves que acompañadas de una buena planificación a futuro podrían solucionar parte del problema, es por lo anterior que urge que los futuros profesionales no tengan una relación tangencial con estos temas. De Solá-Morales, (2014) aborda el sistema pedagógico del arquitecto-profesor-experto y experimentado plantea problemas de diseño calculados y controlados al alumno no cualificado, y le permite resolverlos por su cuenta con la debida orientación y observación. El alumno, por su parte, propone soluciones y aprende sobre la marcha, y en este proceso de aprendizaje se somete a varios ciclos de crítica y corrección de la mano del maestro-profesor (o profesores), aprende cómo se pueden resolver algunas de las situaciones que surgen durante el proceso de diseño, y adopta las actitudes correctas hacia las estrategias formales y de composición pertinentes. El desarrollo de este taller en el que el énfasis está en la comprensión y planteamiento urbano, entrega a los estudiantes herramientas importantes, como el levantamiento de información, el planteamiento de problemáticas en torno a datos duros obtenidos, entendimiento de políticas, normativas, encuestas y catastros, que acercan a la realidad a futuros profesionales que le tocará proponer soluciones integrales a la segregación urbana actual de los núcleos urbanos.

2 | DESARROLLO DEL TALLER.

Este documento pretende ser examinado como un manifiesto de como entendemos, o queremos entender, la disciplina. Es una suma de historias, tantas como se puedan descubrir, sin un orden secuencial, que describen desde y hacia diferentes puntos de vista características de la ciudad. Morales, (2017) analiza los modos de aprender de los estudiantes de arquitectura y cómo estos difieren de la forma en que reciben y procesan la información, tanto visual, verbal, data, teorías y modelos abstractos. A partir de los resultados obtenidos observa una carencia aparente de la elección por modos de aprendizaje secuenciales, lo que se traduciría en una evaluación del diseño que transita constantemente entre lo particular y lo global.

La técnica del mapeo, su diseño de análisis, nos permite examinar una ciudad haciendo evidente información muchas veces difícil de visualizar y presentarlas en una gráfica común, de modo que distintas disciplinas puedan dialogar a fin de generar conocimiento y cooperación. Este diseño, no en su sentido formal, nos permite conectar variables económicas, sociales, políticas, formales, medioambientales, sin dejar de lado la complejidad del problema. Su capacidad de síntesis nos permite considerar esta información incorporando todas las variables necesarias permitiendo conocer en profundidad y en forma particular las características, falencias y oportunidades de una comuna o barrio, que posteriormente se convierten en proyectos de arquitectura.

Las soluciones nacen de la premisa de una pregunta correcta, primer paso a la solución. Son respuestas sintéticas a problemas puntuales. Carecen de prejuicio formal y son producto de la síntesis y la creatividad propia de nuestra disciplina. Son proyectos que difícilmente pueden ser clasificados dentro de una tipología conocida. No tienen nombre: si lo hiciéramos dejaríamos muchos atributos de lado. Son proyectos que se definen a través de las historias que nos cuentan, y que por lo mismo resuelven requerimientos inherentes a la cultura y contexto del lugar.

La mayor fuente de innovación es la ignorancia, lo que nos obliga a entender y analizar en profundidad los problemas. Innovamos no por un fin en sí mismo, sino porque estamos conscientes de no tener los conocimientos suficientes, la metodología a desarrollar ni menos la respuesta a la que queremos llegar. Aprovechamos esta virtud para entender e incorporar conocimientos que provienen de otras disciplinas y que necesariamente están presentes en el desarrollo de las ciudades, aprovechamos la instancia universitaria para generar sinergia. El material logrado es producto de una metodología propia, desarrollada por el equipo académico y sus alumnos, donde se generan hipótesis que enfrentamos sin prejuicios. Esta modalidad nos permite generar conocimiento y cuestionar constantemente nuestra disciplina, logrando la misión que se le exige a la Universidad como institución. El taller busca desarrollar la conciencia social desde la óptica de la arquitectura. Se trabajará a partir de un territorio de alta densidad habitacional que, al estar alejado de los centros de

servicio y equipamiento, agrava la situación de homogeneidad y vulnerabilidad social de sus habitantes. El desarrollo se verá apoyado por TECHO, como organismo conocedor de las problemáticas sociales en cuanto a plan de desarrollo de barrios, somos conscientes de la necesidad de trabajar de manera interdisciplinaria frente a un problema complejo. Son los mismos estudiantes los que van a levantar los datos al lugar de estudio, conversando con las personas, conociendo su historia, comparando lo visto con los datos duros conseguidos y, a partir de eso, generando nuevos datos actualizados y abordados desde la complejidad del territorio específico.

El aprendizaje se basará en una primera parte en un proceso, que desde la participación ciudadana y desde la interdisciplina enmarcada en el trabajo en conjunto aborda el programa a incorporar, la estrategia morfológica y la estrategia de sostenibilidad. Como proceso de enseñanza se intenta generar espacio y tiempo de reflexión a la sinergia interdisciplinaria lograda con clases y correcciones, tanto de profesores de arquitectura como de invitados externos específicos que enriquecen la discusión (imagen 5 y 6). En una segunda parte el aprendizaje se basará en lograr relacionar este método de entrada al proyecto, con un proyecto simple de arquitectura desarrollado en su complejidad. Cómo el espacio urbano afecta la relación entre arquitectura y contexto, su relación con el uso y volumen de la edificación, y cómo desarrollar el espacio no construido de forma de ponerlo en valor, serán los elementos fundamentales en la elaboración del contenido del taller. Se espera, por lo tanto, proyectos de arquitectura desarrollados desde una visión social del entorno en que se encuentran, en donde la intervención a realizar sea entendida como pieza de transformación urbana.

El taller de diseño urbano se transforma en la oportunidad para que alumnos en el tercer año de la carrera aprendan a abordar la problemática compleja de la ciudad actual. La metodología del taller comienza por entender que la mayor libertad nace del mayor rigor, postura pedagógica del equipo docente sobre enseñar a mirar, es decir fijar la vista en algo hasta entenderlo. Creemos que una mirada atenta y sensible a la ciudad será la mejor lección de arquitectura que los alumnos puedan recibir.

El taller se presenta como un laboratorio, en donde se aprende haciendo y en donde lo que no se dibuja no existe, los alumnos tienen la posibilidad de ir una y mil veces a conocer, recorrer y permanecer en los lugares elegidos para analizar. Lugares que son escogidos de acuerdo a un factor común de segregación espacial de sus habitantes respecto al total de la ciudad. Creemos imprescindible que un futuro arquitecto entienda además de las variables físicas de la ciudad, el componente social que define un barrio, como única manera de crear estructuras urbanas que propicien la integración, con buena accesibilidad y conectividad, con áreas verdes suficientes y unidas, con incentivos a la construcción privada de espacio público y sobre todo con una visión clara en cuanto a que la calidad de vida de la ciudad está íntimamente relacionada con lo que pasa (y como pasa) en el espacio colectivo. Calidad de vida que pasa directamente por cómo nos movemos y como vivimos la ciudad. Por cuanto

tiempo usamos en desplazarnos a nuestros hogares y donde pasamos el tiempo en familia. Debemos trabajar éticamente por dotar a la ciudad de un sistema de transporte público integrado, que compita en rapidez y comodidad con el automóvil y que conecte espacios públicos de calidad que permitan también que la gente pueda salir y compartir dignamente de un espacio común con sus vecinos. Vemos esto como una posibilidad de reivindicación social, y como parte de la responsabilidad de un arquitecto que desde su propia disciplina tiene la posibilidad directa de intervenir en la ciudad.

3 | RESULTADOS

El primer ejercicio, que corresponde a un trabajo realizado por estudiantes bajo la guía del equipo docente, propone la necesidad imperante de abrir la población Parinacota de Quilicura a su entorno cercano. Como hilo conductor de la hipótesis, se muestra el análisis en base al crecimiento histórico de la comuna, se encuentra como primera problemática su conformación espacial desde la vialidad, en que se manifiesta la precariedad de las conexiones intercomunales, generando atochamiento vehicular que ha ido aumentando conforme el aumento del parque automotriz, y que se ve aumentado por la falta de una línea de metro que llegue a la comuna o por la mala calidad del transporte público de superficie.

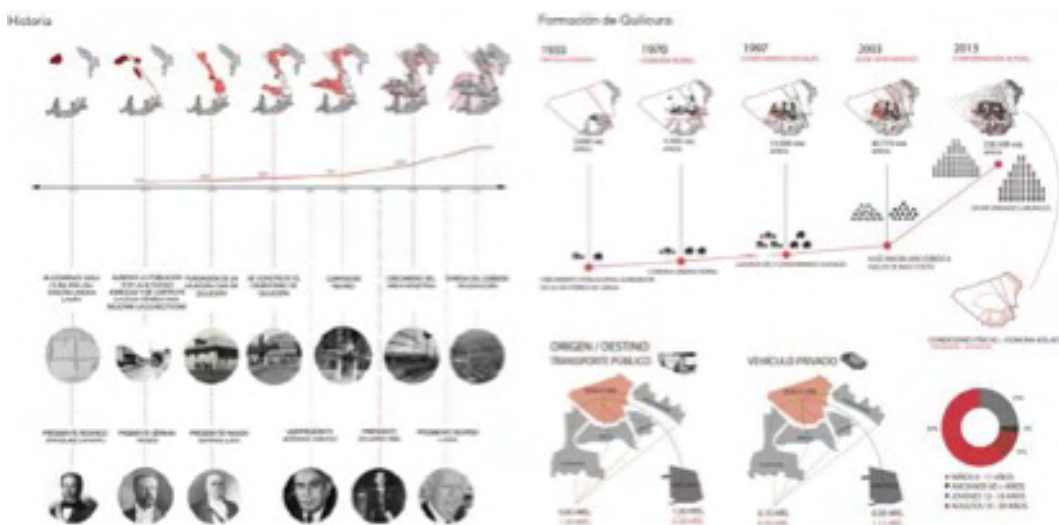


Imagen 3. Etapa inicial de trabajo.

La problemática de accesibilidad es en dos escalas: una intercomunal de precariedad en la conexión metropolitana, y una situación de aislamiento comunal que se intensifica en el sector de la población Parinacota que está alejada del centro cívico. Tal como se muestra en la imagen 4 esto se condice con la mala distribución de los equipamientos dentro de

la comuna, concentrándose la mayoría de los servicios en un solo eje. Esto produce un segundo problema en cuanto a la zonificación, dejando dos periferias residenciales de estratos opuestos, con ejes principales de distinta tipología según su zona. Al combinar estos factores y enfrentarlos a la normativa actual, tomando como referencia el PRMS100 y cómo afecta la comuna, se encuentra un déficit de conexión entre la periferia sur de estratos social más bajo con el centro cívico, dejando en evidencia la carencia de uso mixto del eje cercano a los estratos socioeconómicos más bajos. Esta problemática de carácter comunal, acrecentando su situación de vulnerabilidad debido a la falta de oportunidades que le ofrece su entorno cercano.

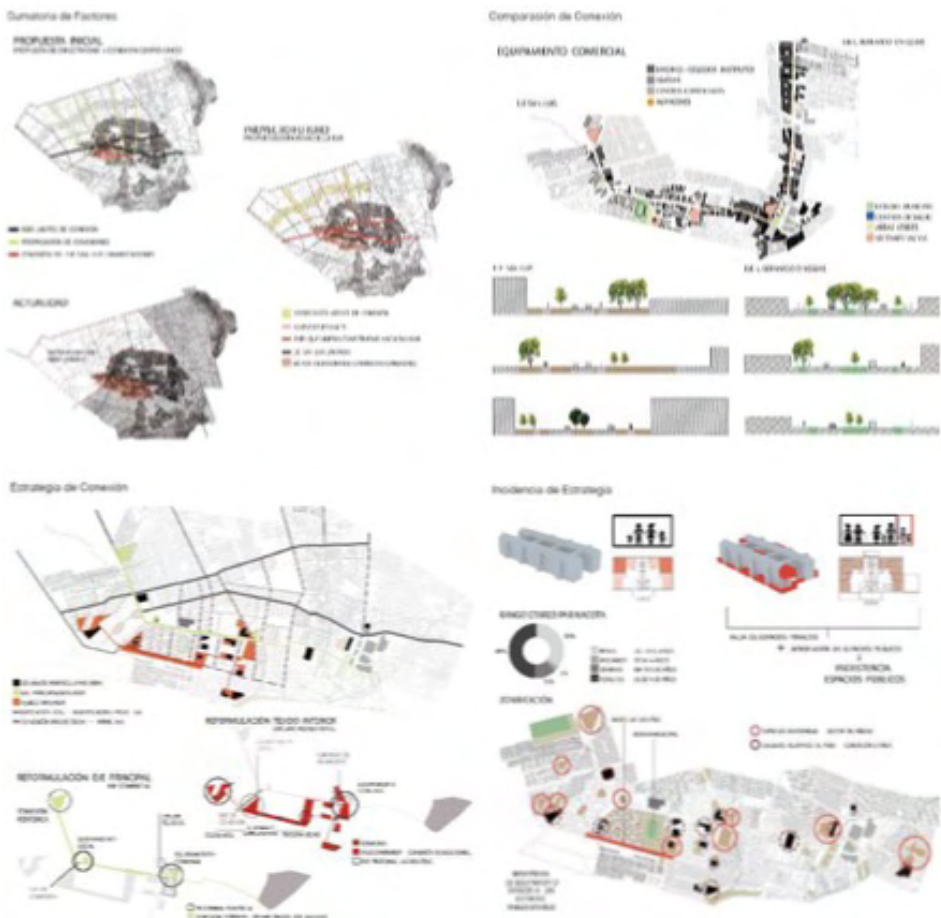


Imagen 4. Fotografías del primer ejercicio.

La estrategia entonces consta en la rehabilitación del eje asociado a los estratos socioeconómicos bajos, y a la población Parinacota, proporcionándole equipamiento comercial y servicios públicos, en base a una necesidad de carácter comunal. Verificando la conexión

que se generaría, y su influencia con los barrios, o poblaciones, aledañas encontramos un eje interior en base a la educación del sector, que se potencia con la presencia del paseo peatonal existente. La combinación de estas dos ramificaciones potencia el uso del espacio público en ausencia del espacio privado y de viviendas, la lógica es que esta nueva conexión permita la liberación de límites y la conexión entre comunidades tanto a nivel comunal como local.

El segundo ejercicio que corresponde a un trabajo realizado por estudiantes bajo la guía del equipo docente, propone la necesidad imperante de abrir la población Parinacota de Quilicura a su entorno cercano. Como hilo conductor de la hipótesis, se muestra el análisis en base a la zonificación de Quilicura que se compone de zonas industriales, comerciales y agrícolas, por lo que se concentra un gran poder comercial y por lo tanto económico. Sin embargo, la comuna tiene escasos accesos para la cantidad de gente y se encuentra segregada, tal como se analiza en la imagen 5 ya que posee una carencia de equipamiento, servicios básicos y conectividad, lo que se intensifica en la medida que se aleja del centro cívico comunal. Se ve una situación de vulnerabilidad de los habitantes en cuanto a la lejanía de buenas conexiones, la carencia de equipamientos suficientes y de calidad, y a la concentración espacial de habitantes de estrato socioeconómico bajo.

El análisis se enfoca en esos habitantes más vulnerables de la comuna, pero entendiendo que es una concentración de personas en un área comunal que es mayor a la población misma. Como las personas se comportan dentro de la población, que servicios utilizan, como se movilizan, que zonas evitan, entre otros. Entender la lógica de comportamiento de las personas en la ciudad es lo que permite proponer mejorar concretas en la zona. Se detectan sectores asociados a mayor delincuencia coincidiendo la información de carabineros con la levantada por los estudiantes y esto tiene una relación directa con la existencia de zonas desocupadas en que supuestamente debiese funcionar un espacio público, pero que realmente son sitios eriazos que agravan la situación.

En el análisis se detectó que existen 3 colegios para niños entre 4 y 18 años, y se mapeó el recorrido que debenefectar a diario, tal como se ve en la imagen 5. Esos recorridos se cruzan con los que se generan con la venta de drogas dentro de la población. Los estudiantes fueron capaces de detectar la bajada territorial de la venta de estupefacientes al detalle, y entender la gravedad del cruce espacial entre la población más vulnerable y los lugares donde supuestamente están más protegidos. El diagnóstico está claro, por lo que la idea de propuesta es simplemente la intervención de esos recorridos. Abrir ciertas conexiones estratégicas, que permitan a los niños hacer el recorrido casa – colegio de forma segura y así reactivar las zonas que se encuentran en constante deterioro y utilizado para malos hábitos. Esto se llevará a cabo solucionando los problemas desde sus bordes generando ramificaciones que abarcan todo el espacio restante y eriazo que quedarán después de la demolición de los más deteriorados. Se provocará un traspaso seguro entre los ejes principales, que debiese potenciarse con programa específicos dirigidos a aquellos

que permanecen en el sector de la población: mujeres y niños.



Imagen 5. Fotografías del segundo ejercicio.

4 | CONCLUSIONES

Entre las conclusiones destaca la experiencia de trabajar en conjunto con TECHO, y de integrar a otras disciplinas a partir del convenio, deja resultados formales como la realización de un documento editado en conjunto, y resultados vinculantes como la realización de prácticas por parte de varios estudiantes después de realizado el taller.

Los estudiantes aprendieron de sociólogos, asistentes sociales, geógrafos y arquitectos que trabajaban en TECHO, pudieron trabajar con ellos en varias instancias, contrarrestando datos, reflexionando en conjunto a partir de los diagnósticos que fueron apareciendo durante el proceso de trabajo. La retroalimentación fue mutua, los estudiantes acercaron a la comunidad, actualizaron y completaron los diagnósticos con que ellos trabajan. Tuvieron la oportunidad de entender esa interdisciplina necesaria para abordar de manera acertada las soluciones en la ciudad, tuvieron clases con sociólogos y economistas durante la etapa de análisis, y tuvieron la posibilidad de corregir con ellos las primeras ideas de propuesta que salían desde los diagnósticos realizados en conjunto con ONG TECHO.

De Molina, (2015) discute sobre la necesidad de la innovación en la enseñanza en cuanto a que hoy nadie sabe cuál ha de ser el papel del arquitecto en la sociedad actual. Establece que hoy, solo las escuelas capaces de imbuir en sus estudiantes el compromiso con la ciudad, la técnica y la calidad de vida de los vulnerables de la sociedad, junto con una autonomía intelectual irrenunciable, estarán tal vez legitimadas para producir los arquitectos de este siglo. Confiamos en que lo aprendido en el taller deje huella en los estudiantes, que a partir de ahora proyecten siempre pensando desde el usuario y hacia la ciudad. Serán

mejores arquitectos, conscientes y sensibles, preocupados por la ciudad y los ciudadanos, que entienden que un proyecto de arquitectura no termina en su fachada, sino que tiene la posibilidad de influir positivamente en el entorno inmediato en el que está construido. Serán arquitectos preparados para enfrentar el mayor desafío profesional de los próximos años: ser un aporte sustancial en la forma de resolver la segregación espacial y la desigualdad de oportunidades urbana. Ellos lo saben: la arquitectura es un atajo directo a la mejora en la calidad de vida de las personas y, por lo tanto, a la equidad urbana espacial. Desde las políticas públicas se puede, y se debe, propiciar proyectos de integración espacial, especialmente para las personas que viven en los barrios vulnerables en la periferia de los núcleos urbanos chilenos.

Creemos que el taller de diseño urbano es una buena práctica. Una metodología docente que permite acercar a los estudiantes a la realidad urbana chilena y que los prepara, desde la interdisciplina, para enfrentarse de mejor manera al mundo profesional en algunos años. Arquitectos que entienden la complejidad de la problemática urbana en cuanto a las desigualdades sociales que se ven reforzadas en la segregación territorial, y en que el diseño urbano desde la arquitectura puede ayudar de manera clara a remediarlo.

5 | REFERENCIAS

- Alba, María Isabel. (2016). **La enseñanza de la arquitectura. Iniciación al aprendizaje arquitectónico**. Recuperado de https://revistadepedagogia.org/wpcontent/uploads/2016/12/ensenanza_arquitectura.pdf.

- Morales, Eric. (2017). **Los estilos de aprendizaje desde el taller de arquitectura: evaluación y propuesta**. Recuperado de <http://revistas.uach.cl/pdf/aus/n5/art03.pdf>.

- De Molina, Santiago. (2015). **Prórroga al aprendizaje de la arquitectura**. Recuperado de <https://www.santiagodemolina.com/2014/05/como-destruir-la-arquitectura.html>.

- De Solá-Morales, Pau. (2014). **Taller de Diseño. Caso de estudio en docencia y en conocimiento práctico adquirido**.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 2, 61, 63, 106, 118, 174

Arquitetura 11, 12, 13, 15, 16, 25, 26, 36, 42, 53, 55, 56, 57, 63, 64, 84, 85, 86, 87, 99, 100, 101, 113, 121, 122, 125, 130, 131, 148, 149, 151, 152, 167, 168, 169, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190

Arquitetura religiosa 13, 26, 42, 53, 55, 56

C

Catas altas 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62

Centro histórico 38, 78, 121, 123, 124, 127, 128, 130

Chan Chan 84, 86, 87, 93, 94, 95, 98, 99, 100

Cidade contemporânea 9, 122, 127, 130, 151, 168

Cidades 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 26, 53, 57, 59, 64, 71, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 103, 107, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 137, 146, 147, 149, 151, 152, 155, 167, 168, 179, 190

Cidades brasileiras 113, 129, 131, 167, 179

Civilização inca 84, 85

Convento do Carmo Pequeno 36

Cusco 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 98, 99

D

Desenho urbano 106, 130, 141, 142, 143, 146

Desigualdade socioespacial 101, 112

E

Edifício louveira 167, 169, 170, 173, 175, 180

Évora 52, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82

F

Formação urbana 132, 133, 134

H

História da cidade 63, 114, 135, 141, 147, 148

História urbana 132

I

Itabirito 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62

J

Jardim de chuva 151, 153, 155

L

Legislação urbanística 104, 105

M

Machu Pichu 84, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 95, 98, 99

Morfologia urbana 84, 114, 117, 130, 131, 141, 142, 143, 150

N

Natal 111, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Nossa Senhora do Amparo de São Cristóvão 11, 12

P

Pachacamac 84, 86, 88, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Paisagem 37, 117, 123, 124, 131, 141, 143, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 168, 176, 190

Paisagem urbana 37, 124, 141, 149, 152, 155, 156

Paraty 114, 117, 122, 123, 124, 127, 129, 130

Parnamirim 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Parque Guinle 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 24, 36, 39, 51, 53, 54, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 90, 117, 123, 130, 141, 142, 143, 147, 148, 150, 170, 179

Patrimônio histórico 2, 8, 10, 15, 24, 39, 51, 60, 63, 123, 170, 179

Planejamento urbano e regional 131

R

Restauração 11, 21, 25, 36, 40, 51

S

Santiago calatrava 181, 182, 183, 186, 188

São Cristóvão 11, 12, 14, 15, 16, 23, 36, 37, 38, 43, 51, 52

São Paulo 10, 25, 51, 52, 63, 99, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 130, 131, 149, 150, 151, 155, 156, 169, 170, 178, 179, 180, 189

Sustentabilidade 1, 111, 113, 151, 156

T

Técnicas construtivas 11, 16, 62

Tepic 26, 27, 31, 34

Teresina 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

Tombamento 5, 7, 8, 9, 170

U


Urbanismo 11, 35, 36, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 113, 122, 129, 130, 131, 149, 157, 179, 180, 181, 190


V


Vila real de santo antônio 114, 117, 125, 129


ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 


@atenaeditora 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 